

Caminhando pelos sítios do Parque Nacional Serra da Capivara/PI: Caso Expedição de Dança.

Adriana SILVA¹
Karina DIAS²

Resumo: Caminhando pelos sítios do Parque Nacional Serra da Capivara/PI - caso Expedição de Dança, sugere refletir sobre a possibilidade da existência de uma trilha até esses índices de dança, como um percurso para possibilitar uma visita, sendo ela um espaço de encontro, uma re-ligação, em que está para além do corpo, vendo a dança por meio dos índices que estão lá, cravados nas pedras, buscando por um trilhar, conhecer novas rotas, que são rotas de Dança, rotas de arte, rotas de reencontro, rotas de internacionalização do sujeito que ocupa aquele lugar, tendo como enfoque a Expedição de Dança, para conjecturar sobre as possíveis relações com as imagens rupestres e os observadores in loco. Como metodologia de investigação, a fenomenologia é o instrumento escolhido, sendo que a pesquisa é qualitativa, com nível de profundidade descritivo/interpretativo.

Palavras-chave: Turismo; Dança; Cultura; Serra da Capivara; Imagens rupestres.

1. EXPERIÊNCIA COMPARTILHADA: O LOCAL E O TURISMO

Uma pintura na pedra, os braços para cima, outra pintura com círculos bem desenhados com os corpos dando as mãos e outras em linhas retas. Algumas em forma de composições porque apresentam um tipo de organização de dança; outros apenas como artefatos. A interpretação das imagens como movimentos corporais variam entre sustentações, troncos em contração e uso de adereços, onde algumas composições já se apresentam como “cena de dança”, ou com algum intuito de apresentação. Essas são apenas algumas descrições presentes em alguns sítios arqueológicos no Parque Nacional da Serra da Capivara.

A Expedição de Dança – Grafias na Pedra: Índices Evolutivos da Dança é uma iniciativa da Cia. Luzia Amélia³ em parceria com a Universidade Federal do Piauí - UFPI e foi realizada no Parque Nacional Serra da Capivara em São Raimundo Nonato/PI. Sendo a primeira Expedição em Dança do Brasil, compartilhada por pesquisadores de áreas distintas.

O local é considerado como um dos que possui maior relevância como patrimônio cultural pré-histórico da humanidade e, de acordo com a Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM), apresenta uma densa concentração de sítios arqueológicos, a maioria com pinturas e gravuras rupestres, nos quais se encontram vestígios extremamente antigos da presença do homem. São 912 sítios cadastrados, dos quais 657 apresentam pinturas, e os outros se localizam ao ar livre como “acampamentos ou aldeias de caçador-

¹ Acadêmica do Curso de Mestrado profissional em Turismo do Programa de Pós-Graduação em Turismo UnB. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/1068069853935397>. Email: drikkamonteiro@hotmail.com

² Pós-doutorado em Poética contemporâneas – UnB. Doutorado em Artes pela Université Paris I, Mestrado em Artes – UnB. Professora adjunta da UnB. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5090396987995001>. Email: karinadias.net@gmail.com.

³ Cia. De Dança Contemporânea. Teresina/PI.

coletores, aldeias de ceramistas-agricultores, ocupações em grutas ou abrigos, sítios funerários e, sítios arqueo-paleontológicos”, segundo informações do site da Fundação⁴.

Paul Ricoeur (2007) trabalha com a questão da narrativa em seu livro: a memória, a história, o esquecimento, onde faz uma reflexão sobre o que venha a ser história, memória e esquecimento, que muito tem haver com o Parque Nacional Serra da Capivara, um lugar que trás a representação da pessoa e da memória e que está ligado diretamente com esse artigo.

Podemos fazer duas relações na qual Ricoeur nos direciona. A primeira é onde a memória é conhecimento, em que ela nos oferece oportunidades de vivenciar a experiência, uma experiência continuada no fato de que nós vivemos as voltas com a vida no cotidiano e nos quais a ciência também se ocupa, a partir da memória, em que buscamos dados, fatos e imagens para compor a memória. E a segunda, é lembrar que a finalidade da memória é lutar contra o esquecimento, fazer uma reflexão do passado, lembrar também que memória está ligada há um tempo e a um espaço, em que imagem – lembrança – memória, sempre estão fazendo relação, onde as lembranças são experiências, onde se faz reconstrução da memória por meio das imagens.

Ricoeur (2007) esclarece melhor quando cita Aristóteles: é permitido tentar apreciar a contribuição desse tratado para uma fenomenologia da memória, que é a forma que temos de acessar o passado, acessar por meio da lembrança, que esse é o fio condutor da memória. E que Platão reforça quando fala: que é tornar presente o ausente, a sensação de ir ao encontro do passado, a partir da imaginação, você pode tornar o presente ausente, sem necessariamente precisar do corpo.

Pensar em riqueza cultural, nos remete a pensar na palavra cultura, que antigamente, segundo Legoff (1990), esta era pensada hierarquicamente, existindo várias explicações sobre essa hierarquização, podendo ser herdada e adquirida, como se fosse algo imposto. Hoje em dia, quando dialogamos com Bhabha (2003), ele trás o hibridismo cultural concessão muito pertinente que acabou compartilhando ao pensamento de uma cultura como algo que está sempre em movimento, que está sempre em transformação e que Guertz (1989) reforça que essa cultura não é estátua, não é fixa.

Destacaremos o turismo cultural, que não está isoladamente relacionado só aos museus, ruínas arqueológicas, monumentos, conjuntos históricos, obras de arte, pinacotecas, mas também as danças, a gastronomia, o artesanato, os eventos, o folclore, a música, costumes, que de certa maneira transparece a “identidade” cultural de uma localidade, região ou nação e que agrega os outros segmentos do turismo, mas também o de lazer, o histórico, que o torna mais rico e mais inter-relacionado com o Turismo.

Conhecer outro caminho que não está inserido no roteiro turístico do PARNA⁵, possibilitando por meio da Expedição de Dança, uma viabilização até as 30 mil imagens que lá existem e são comprovadas em estudos feitas por Anne Marie Pessis (antropóloga) e Luzia Amélia Marques (mestra em dança e artista), que são índices de Dança e acréscimo mais

⁴ FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano.

⁵ Abreviatura de Parque Nacional Serra da Capivara

ainda, como pesquisadora contemporânea e membro da organização da expedição, trago para a discussão, pensar aquelas imagens como movimentos dançantes assim como uma trilha necessária para visitação até elas.

Esta é uma investigação que deseja questionar se existe a possibilidade de um trilhar por outros caminhos/sítios, como forma de re-ligar o contemporâneo a um passado remoto e refletir sobre a possibilidade de se pensar sobre o fenômeno turístico, tendo como referência a expedição em Dança, para conjecturar sobre as possíveis relações entre as imagens rupestres e os observadores in loco, os turistas. Então, surge a necessidade de fazer com que reconheçamos mais uma trilha/percurso e que seja mais um campo de pesquisa, tanto para o Turismo, como para a Dança, verificando a possibilidade de um Turismo Cultural na Região de São Raimundo Nonato/PI.

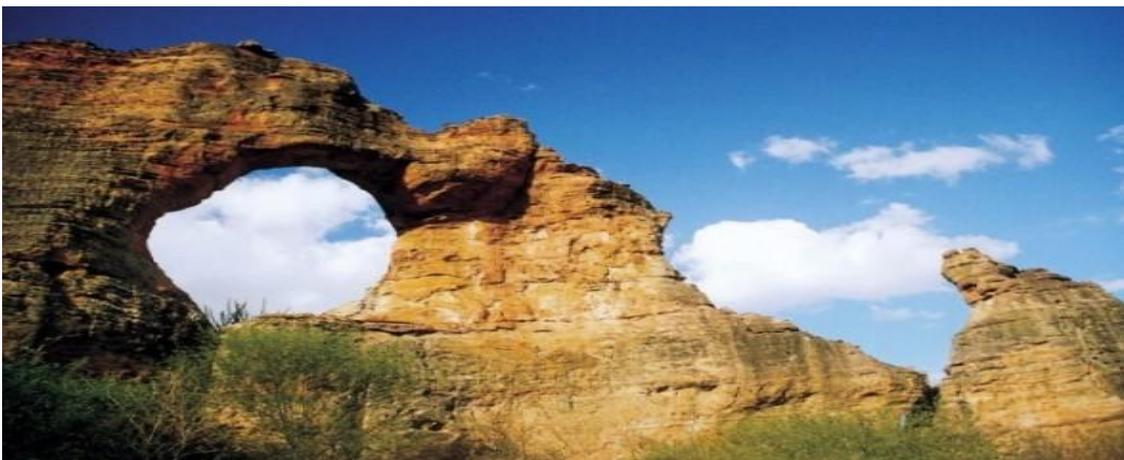


Figura 1: Pedra Furada
Fonte: Internet

O turismo ainda está tateando quando se relaciona aos processos teóricos, o que acarreta uma fragilidade, partindo do ponto crucial eu diria, no que diz respeito a sua definição: O que é Turismo? Mas isso parte da complexidade que é esse fenômeno, bem mais que um negócio, discuto como sendo um fenômeno social complexo, onde se faz necessário a diferenciação do aspecto conceitual, quanto ao aspecto técnico desse fenômeno.

No cenário pós-moderno, o Turismo não busca a verdade, o seu eixo passa a ser a busca do poder e esse poder está no acúmulo de riquezas, lucro e crescimento local, o que é de grande valia, pois não entra no questionamento da verdade, verdade essa que vai para além da palavra, onde é colocada em questão a revolução do Turismo, colocando como uma ciência humana, reconhecendo o sujeito como peça coringa nesse fenômeno não-linear, por isso o uso da palavra revolução, ao invés de evolução, como bem escreve Moesch em sua tese Epistemologia Social do Turismo.

É no rastro de uma condição histórica, a de realizar viagens, que se firma o que se conhece na atualidade por Turismo, onde são feitas algumas definições sobre Turismo. Beni

(2001) oferece em sua produção várias visões sobre Turismo, das quais extrairemos as seguintes:

Uma delas é por meio do setor econômico, onde Robertb McIntosh (in BENI, 2001, p.34) diz que, “Turismo pode ser definido como a ciência, a arte e a atividade de atrair e transportar visitantes, alojá-los e cortesmente satisfazer suas necessidades e desejos.”

Na definição holística de Turismo feita por Jafar Jafari (in BENI, 2001, p.36), conceitua Turismo como:

“É um estudo do homem longe de seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades, e dos impactos que ambos, ela a indústria, geram sobre os ambientes físico, econômico e sociocultural da área receptora”.

Moesh (Tese, p. 15) nos esclarece, quando diz:

O Turismo é muito mais que uma indústria de serviços, pois o fenômeno turístico é a composição de uma prática social com base cultural, com herança histórica, meio-ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais.

Enquanto Trigo (1993, p. 5), de certa forma, apresenta o pensamento de que o turismo “é antes de tudo, gente. É um ramo das ciências sociais e não das ciências econômicas, e transcende a esferas meras relações da balança comercial.”

E, temos a contribuição de Gastal:

“Falar em turismo significará fazer referência àquelas pessoas que saem das suas rotinas espaciais e temporais por um período de tempo determinado (...) O que pode haver em comum entre um deslocamento para além das fronteiras nacionais ou para além das fronteiras do bairro de residência? Diria que, em comum aos dois, há o estranhamento, o prazer e uma certa ansiedade diante do desconhecido e do novo. Pode-se dizer que também haverá em comum, nos diferentes tipos de deslocamentos, a presença de imagens e imaginários. Imagens porque, na própria cidade ou no estrangeiro, antes de se deslocarem para um novo lugar, as pessoas já terão entrado em contato com ele visualmente, por meio de fotos em jornais, folhetos, cenas de filmes, páginas na internet ou mesmo por intermédio dos velhos e queridos cartões-postais. Imaginários porque as pessoas terão sentimentos, que as levarão a achar um local romântico, outro perigoso, outro bonito, outro civilizado. A esses sentimentos construídos em relação a locais e objetos (e, por que não, a pessoas?) temos chamados de imaginários.” (GASTAL, 2005, p. 12 e 13)

Há várias vertentes de estudo e análises em vários contextos. Viajar para conhecer pessoas, tradições, histórias, culturas e aprender sobre o passado têm sido uma das mais fortes tendências para o Turismo.

Desde 1960, época dos primeiros estudos sobre a psicologia do Turismo surge às reflexões do que venha a ser essas viagens e o que motivaram, sendo que cada vez mais surgem “vontades” para essas viagens. Uma que tomaremos como alicerce será a usada por Krippendorf, quando ele nos diz que: (2009, p. 48)

Viajar é partir para descoberta de si mesmo – é bem conhecido o fato de que é precisamente num ambiente incomum e estranho que retomamos a

consciência da nossa própria realidade. Segundo essa tese, a viagem proporciona-nos a possibilidade de descobirmos o caminho que nos conduz a nós mesmos. Temos tempo para ocupar-nos com o nosso próprio eu, para explorar a própria alma, para redescobrir a harmonia interior, para compararmo-nos ao outro e descobrir nossas aptidões.

Viajar é um meio eficaz para realizar intercâmbio e troca de informações nos diversos contextos onde o Turismo atua, pois lida com aspectos culturais locais de forma sedutora como: hospedagem, alimentos e bebidas – A&B, Cultura, Gastronomia, dentre tantas outras para tornar a viagem produtiva e construir certa intimidade com o local com o objetivo de torná-lo uma rota e até mesmo uma forma de divulgação da região.

No livro *The mind of the traveler*, Eric J. Leed⁶ (1991, p.1) inicia citando Camus:

“O que dá valor a uma viagem é o medo. É o fato de que, num certo momento, quando estamos muito longe do nosso próprio país (...) somos defrontados com uma vaga sensação de medo, e um desejo instintivo de voltar à proteção de nossos velhos hábitos. Este é o benefício do viajar”.
(Tradução S.G).

Camus ainda explica que não viajamos por prazer – porque o prazer nos separaria de nós mesmos; as viagens, ao contrário, devem nos trazer de volta a nós mesmos.

Assim é que o Turismo se mostra como um dos principais aspectos da contemporaneidade, pois segundo João Dória Jr⁷, o Turismo no Piauí, se deu com o “nascimento” de um turismo como prática social e econômica, que teve início na década de 70.



Figura 2: Visão Panorâmica do Boqueirão da Pedra Furada
Fonte: Internet

A Expedição de Dança como um Turismo Cultural é um elo para que entendamos as particularidades do local e apreciar a grandiosidade do ambiente que poucos sabem que existem e/ou reconhece como riqueza cultural.

Para explicar melhor, tomamos por empréstimo a fala de Gastal, quando diz que:

⁶ Leed (1991), p.1: “What gives value to travel is fear. It is the fact that, at a certain moment, when we are so far from our own country (...) we are seized by a vague fear, and the instinctive desire to GO back to the protection of the habitats. This is the most obvious benefit of travel”.

⁷ Graduado em Jornalismo e Publicidade. Presidente do Grupo DORIA / Fundador e Presidente do LIDE – Grupo de Líderes Empresariais.

A cultura apropriada pelo Turismo é a cultura que gera produtos e manifestações concretas, sejam elas eruditas ou populares. E, infelizmente, o elemento cultural ainda tem sido minimizado nas propostas e reflexões turísticas, nas quais são valorizadas, numa ponta, as grandes manifestações de arquitetura histórica e, na outra, as muitas vezes estereotipadas manifestações folclóricas. Porém é necessário que a Cultura deixe de ser apresentada exclusivamente do ponto de vista do lugar, do sedentário, como algo acabado, como produto a ser assimilado/consumido. É preciso que mesmos os monumentos –arquitetônicos ou artísticos- sejam visitados e usufruídos enquanto símbolos de um determinado momento em uma comunidade, mas que eles também continuem vivos para a comunidade onde estão. (GASTAL, 2001. p.121 e 128).



Figura 3: Pinturas rupestres na Toca do Baixão do Inferno
Fonte: Adriana Monteiro

Enxergando aquele lugar como lugar turístico, ocorreu um intenso e rápido processo de redefinições na realidade da comunidade que, em função de receber visitantes, tem seus aspectos físicos, econômicos e socioculturais reformulados.

O que precisamos, em primeiro lugar, não é de viagens diferentes, mas de pessoas diferentes. Somente uma outra sociedade e outras condições de vida produzirão um outro turista. Uma sociedade doente não pode produzir um turista sadio. (KRIPPENDORF,2009,p.149).

Isso nos faz entender que a cultura e o turismo, caminham de braços dados e estão agregando a sustentabilidade e assegurando as gerações futuras o acesso a estes mesmos locais, criando imagens que as influenciem favoravelmente, estimulando-as a viajar para um determinado local.

Pensar a Expedição de Dança que ocorreu no Parque Nacional Serra da Capivara como um Turismo Cultural, é também mudar os sentidos de expedição e turismo, onde envolve um diálogo entre o histórico, o cultural, a memória e a arte, ainda pouco estudada e conhecida e permite refletir as particularidades locais possibilitando a aproximação entre Cultura, Turismo e Dança.

E podem ser percebidas na delicadeza dos traços, na singeleza das organizações corporais e/ou rituais, nos artefatos utilizados, em um modo de disposição onde podemos constatar que as grafias são representações de que os homens primevos dançavam.

2. EXPERIÊNCIA TURÍSTICA – OS ÍNDICES DE DANÇA POR MEIO DAS IMAGENS RUPESTRES: EXPEDIÇÃO DE DANÇA.

Adentraremos em um lugar que emergiu do fundo do mar a 225 milhões de anos e desde 1991 é reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade, devido o seu imenso acervo cultural e natural. Bem vindos ao Parque Nacional Serra da Capivara, um Parque arqueológico, onde:

“existe grande concentração de sítios arqueológicos, que fornecem informações diversificadas sobre as primeiras ocupações humanas. Existem evidências arqueológicas de que há 500 séculos essa presença humana ocupava o território do que hoje é o Parque Nacional.” (PESSIS, 2003, p. 39)

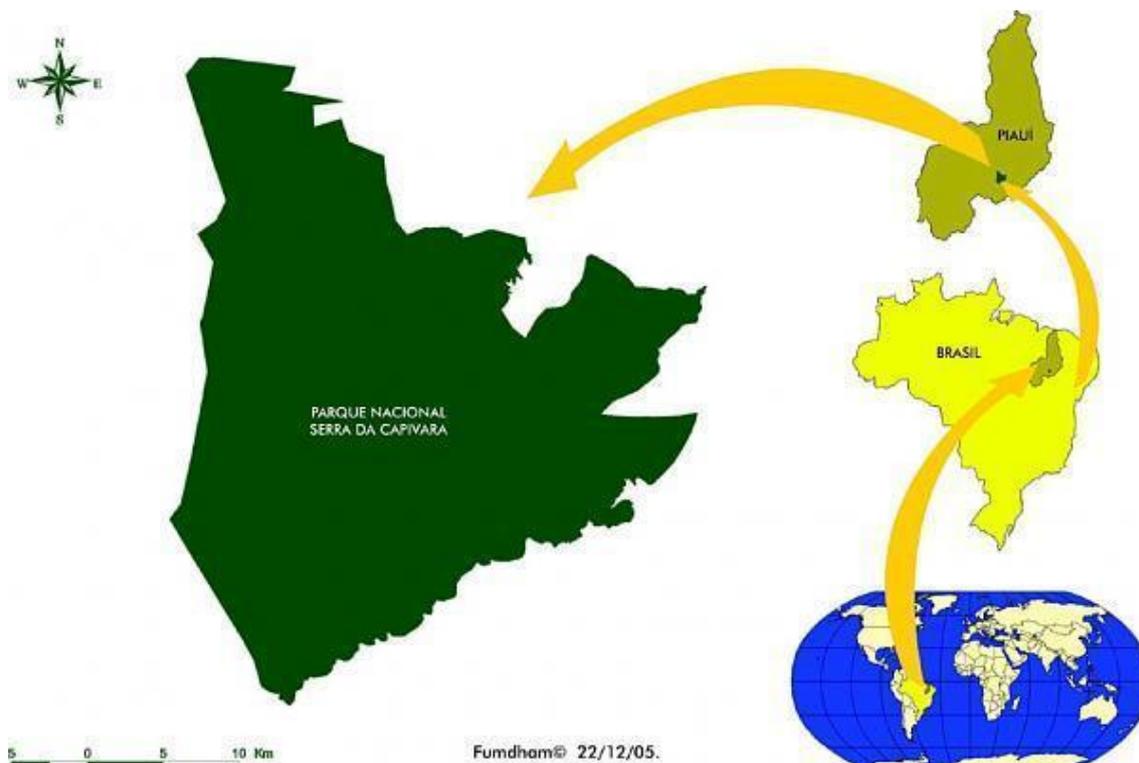


Figura 4: Mapa de localização do Parque Nacional Serra da Capivara
Fonte: Internet

O PARNA fica situado no sertão nordestino brasileiro, na região Sudeste do Piauí, na cidade de São Raimundo Nonato a 522 km da capital Teresina/PI/Brasil, onde “existe uma densa concentração de sítios arqueológicos com vestígios de cultura material e espiritual dos grupos que habitam a região durante milênios”. (PESSIS, 2003, p.22) de clima semi-árido e uma vegetação que varia nos períodos de seca e chuva, proporcionando uma vegetação própria do lugar devido a essas condições climáticas, a caatinga, com uma fauna divergente.

O Parque Nacional Serra da Capivara é um Parque arqueológico. Nessa região e nas suas áreas adjacentes existe grande concentração de sítios arqueológicos, que fornecem informações diversificadas sobre as primeiras

ocupações humanas que deixaram vestígios de sua existência nos diferentes ecossistemas da região. (PESSIS, 2003, P. 39).

E que existem evidências arqueológicas de que “há 500 séculos essa presença humana ocupava o território do que é hoje o Parque Nacional.” (PESSIS, 2003, P. 39)



Figura 5: Pinturas rupestres na Toca do Baixão da Vaca
Fonte: Adriana Monteiro

A observação acurada dessas imagens nos possibilitou identificar a presença de um padrão de corpo redondo, rotundo, encerrado por uma linha curva, contínua e fechada, de onde parte segmentos de linhas curvas, muito curtas. (...) Observamos a presença de poucas texturas nos padrões formais. (...) Observa-se desde corpos menores a outros mais alongados, com cinturas muito finas, similares a um corpo alongado de onde partem os braços longos e sem articulações. (FROS, 2010, p. 72)

Surgiu assim, o projeto Expedição de Dança idealizado pela mestra e artista da Dança Luzia Amélia⁸, juntamente com a Cia. Luzia Amélia de Dança contemporânea, onde três mulheres díspares: Andreia Barreto, Drika Monteiro e Luzia Amélia, se articulam com o desejo por dançar.

Dançar para reconfigurar seus mundos, um conjunto de corpos dançantes, interessadas no movimento, numa singular concepção coreográfica, numa espécie de organização própria de mover e ser dança. Dançar para permanecer, ao mesmo tempo em que estão atuando na companhia dançando, criando, produzem, dirigem, propõe projetos para o estado do Piauí. (<http://luziaameliam.wix.com/projetoluzia>)

Uma das propostas da companhia de Dança contemporânea foi a concretização de uma Expedição de Dança que busca enxergar essa expedição como uma potência para a Dança e coloco o Turismo como a outra área de investigação, por se tratar de uma Expedição de Dança que foi realizada em um dos maiores Parques Nacionais do Mundo, entendendo que os movimentos realizados por corpos na contemporaneidade como mediação entre tempos distintos, passado e presente, é condição também da dança contemporânea.

⁸ Mestra em dança - UFBA, artista piauiense.

Bailarinos, mestres e doutores em Dança, psicólogos, psiquiatras, artistas plásticos, jornalistas, cineastas, produtor cultural e pesquisadores: esses foram os participantes da I Expedição de Dança, um projeto que organiza incursões de estudiosos de dança e demais áreas de estudo no Parque Nacional Serra da Capivara, em parceria com a Universidade Federal do Piauí – UFPI e a Fundação Museu do Homem do Americano (FUMDHAM) com o objetivo de trocaram experiências e conhecimento em seus campos de atuação.

Marques reflete que: (2012, p. 62)

Dançar, então, é produzir signos e a dança media as relações entre sujeito e mundo. As grafias noticiam configurações, formatos, movimentos, ações, formações. É por isso que conseguimos perceber a dança entre os demais registros de caça, sexo, guerra, dentre outros. Quando lançamos o olhar sobre aqueles corpos, percebemos essas singularidades. Uma espécie de notação, uma escrita de dança que destaca singularidades que nos faz perceber que não são apenas registros de caça, nem de pesca, nem de sexo, nem de guerra, mas são registros de dança.

Pelo viés dos Índices de Dança, acabamos por interiorizar aquelas pinturas e fazer parte da cena, pois o corpo ao observar as grafias entra numa dinâmica de mudança de estados corporais pelas sensações que as mesmas provocam. A relação entre corpo e ambiente propicia expandir a percepção pelas “portas sensoriais”, já que “O ambiente também se modifica e modifica as imagens no corpo”. (BITTENCOURT, p.57).

O local é um dos mais importantes patrimônios culturais pré-históricos da humanidade e, de acordo com a Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM), apresenta “uma densa concentração de sítios arqueológicos, a maioria com pinturas e gravuras rupestres, nos quais se encontram vestígios extremamente antigos da presença do homem (100 mil anos antes do presente)”.

No Parque existem aproximadamente 30 mil grafias rupestres, muitas dessas figuras foram densamente analisadas durante o estudo de mestrado de Luzia Amélia que com a orientação de Adriana Bittencourt Machado (UFBA) inferem que são índices evolutivos da dança. Partindo dessa informação a expedição de dança busca os sinais de dança nessas grafias.

Por isso, acredita-se serem necessárias às ações que compõe o que entendemos como uma expedição de dança: Os participantes são convidados a uma imersão durante viagem de sete horas, de Teresina à Serra da Capivara, durante três dias percorrendo sete trilhas: Toca do Morcego, Toca do Inferno, Baixão das Mulheres, Baixão das Andorinhas, Boquerão da Pedra Furada, Toca do Nilson, e a Toca da entrada do Baixão da Vaca.

Na expedição, é possível perceber que o corpo dialoga o tempo todo com o ambiente, ambos apresentam suas relações de codependência, pois as figuras rupestres atestam a imbricada relação entre natureza e cultura, onde esse lugar é um lugar de memória em um tempo que não é linear, uma temporalidade que vai se construindo, interagindo, insurgindo.

Segundo Marques (2012, p.59):

(...) A Dança produz informações no corpo correlacionando signos, pronunciando-se como comunicadora e articuladora de informações artísticos/cultural. A Dança é, portanto, produtora de Cultura.

As pinturas rupestres geram percepções diferenciadas, uma produção de imagens complexas, como algo que continua em que o corpo produz uma nova linguagem, onde ele troca com o ambiente, com aquelas imagens cravada nas paredes.

De acordo com M. Bittencourt (2012, p. 57):

O corpo opera por imagens, que constituem um dos seus recursos possíveis de se comunicar. São informações que validam a sua presentidade, pois se organizam como um jeito de corpo em um determinado momento. Desde uma ação motora, uma dor, aceleração dos batimentos cardíacos, manejar objetos e estabelecer relações com o ambiente: é o corpo em ativação, em estado contínuo de experienciar.

Um exemplo disso são as imagens rupestres, pois provocam outras possibilidades no corpo no momento em que as observamos. São sensações corpóreas que deslizam entre o passado e o presente.

Nas grafias de Dança, são registros, vestígios de uma dança que já não está mais ali, mas indicam como as ocorrências que se deram, já que sinalizam modos relacionais. E assim nos permitir identificar os registros de dança e propor que são índices de sua existência. (MARQUES, 2012.)

Isso pode ser observado nas inscrições em torno das cavernas, que as estudiosas Niéde Guidon⁹ e Anne-Marie Pessis¹⁰ veem desenvolvendo por alguns anos no PARNA Serra da Capivara, pois as imagens lá existentes são únicas, onde a “Dança” que existe no PARNA não é uma Dança mercadológica, é uma Dança que está lá, cravada, e nos permite pensar nesse processo da dança.

E ao olharmos as pinturas rupestres percebemos temporalidade, ludicidade, transformação e diálogo. E isso reverbera em nosso corpo, que nos modifica em tempo real, onde a experiência é quem permite a transformação. Quando eu vou a um lugar, onde lá eu me identifico, encontro a minha “identidade”, eu encontro a minha parte, como diz Morin: O todo está na parte, assim como a parte está no todo.

E dialogando com o Turismo, percebemos uma dança circular, um *pas de deux*, um dueto que ele faz com a Dança, porque o Turismo é sistema vivo, não está dado, a todo tempo de organiza, se auto produz, em uma visão eco - organizador, de totalidade. Em que estamos sempre se organizando, por isso é aberto, organiza/desorganiza; ordem/desordem.

“São frequentes as cenas de dança, tanto lúdicas como cerimoniais. A diferença entre ambas manifesta-se nos gestos e nos atributos culturais das figuras envolvidas. Na dança lúdica, as figuras humanas são simples, os gestos correspondem ao momento máximo da postura em relação à

⁹ Doutora em arqueologia pela Universidade de Sorbonne – Paris. Criadora e Diretora do Parque Nacional Serra da Capivara e da Fundação do Homem Americano em São Raimundo Nonato/PI.

¹⁰ Doutora em Antropologia Visual – Université de Paris I, Membro do Conselho Consultivo da Fundação Museu do Homem Americano.

posição de repouso. O que foi representado é o momento culminante da dança, dando ao conjunto grande força dinâmica. Nas danças lúdicas, o número de participantes é reduzido, não passando de quatro figuras. Quando se trata de dança cerimonial, uma parte das figuras humanas porta vestimentas e ornamentos, como, por exemplo, cocares. A dinâmica gestual é mais sóbria e cada figura parece adotar uma postura determinada, permitindo reconhecer-se o ritual representando, que pode corresponder a um tempo máximo da dança ou mudança no processo ritual.” (PESSIS, 2003, P. 122 e 123).

Anne Marie Pessis, uma dos cérebros da FUMDHAM, ao lado de Niède Guidon, nos diz que:

“a imagem é uma ferramenta essencial para o conhecimento e para a ação. Os autores das pinturas rupestres, para poderem realizá-las, precisaram, previamente, observar e imaginar. Somente depois puderam registrar essas formas imaginadas por meio de técnicas gráficas, utilizando a imagem como instrumento de conhecimento.” (PESSIS, 2003, P. 68)

3. EXPERIÊNCIA III – CAMINHANDO PELOS SÍTIOS

Então surge a necessidade de fazer com que caminhemos e encontremos uma nova trilha, trilha essa que seja mais um campo de pesquisa, tanto para o Turismo, como para a Dança, compreender que é possível uma relação Turismo/Dança/imagens rupestres como uma valorização do/para o Turismo e pensar esse caminho que não é reconhecido, que não é vivenciado.

Ao caminhar pelas trilhas, ao conhecer os sítios arqueológicos, vem sempre à presença e a necessidade do silêncio, que já é pertinente naquele lugar, um silêncio que tem eco, que tem som, que possui riquezas, que é cercado de memórias e não precisa dizer muito, porque o silêncio responde. Quando estamos em silêncio é possível ouvir as batidas do nosso coração ou o coração daquelas imagens que se mostram para nós tal como ela era a 225 milhões de anos, causando a sensação de não só nós estamos observando as imagens, mas causando a sensação de estarmos sendo observados por elas.



Figura 6: Pinturas rupestres na Toca do Baixão da Vaca
Fonte: Adriana Monteiro

Vamos assim, colocando um pé na frente do outro, nesse movimento que age na aproximação do Mundo possível e assim vamos seguir caminhando, por que caminhar tornou-se um gesto subversivo. E esse “caminhar é estar do lado de fora”, como diz Grós é uma busca de um horizonte que é feito pelo corpo, onde você está em volto de uma paisagem que não te abandona, nessa relação em que o espaço não engana o corpo.

E, nos permite pensar na estratégia de permanência humana, porque é do homem essa tendência de aniquilar o que antes existiu, e que bem diz Hannah Arendt quando ela designa três atividades humanas fundamentais: trabalho – obra – ação (pensamento sobre a existência), tornando-se uma condição ativa e assim estão interligadas com a história.

A humanidade é adaptação com o mundo. A sociedade humana precisa adaptar-se com a paisagem, outros seres, animais, outros grupos e a comunicar algo, a comunicar e registrar a memória e essa representação figurativa das imagens (cenas, animais, homens, objetos) é uma forma de comunicação entre os seres humanos que vai para além de evocar o passado, mas para transmitir uma informação, que é melhor que a linguagem, do que a comunicação verbal, que é por meio das pinturas cravadas nas pedras.

Ali há uma permeabilidade, onde não existem barreiras entre o nosso mundo e o das imagens. Uma imagem pode falar conosco, pode nos ajudar a aceitar ou rejeitar algo, só aquelas imagens rupestres regada de movimento de ação, de riquezas temáticas pode nos proporcionar informações, hipóteses e/ou maneiras de dar respostas confiáveis e possíveis.

A caminhada torna-se então, uma escrita de si, assim como as imagens cravadas nas pedras, onde uma pessoa vai poder experimentar, vivenciar aquele lugar, que é um processo solitário (lembrando que nunca estamos sós, no sentido mais “puro” da palavra), tendo a possibilidade de viver esse novo Mundo, trazendo outra questão em que Grós trata em seu livro Caminhar, uma filosofia que é a lentidão, que faz a seguinte reflexão: não nos deixemos atropelar pelo tempo, por que o tempo equivale ao seu tempo, porque quanto mais tempo eu tenho, mais vagarosa e experiente é a minha passagem.

O PARNA é um lugar onde inúmeros percurso/visitação são possíveis serem realizados, o que falta é incentivo e políticas públicas eficazes que mantenham esse lugar que é tão importante para a humanidade, onde estudos das pinturas rupestres, desenvolvidas na década de 80, por Anne – Marie Pessis registra “mais de 400 sítios do Parque, partindo do princípio de que as mesmas eram formas de comunicação de sociedades pretéritas, pois a imagem é instrumento essencial para o conhecimento e para a ação” (PESSIS,2003, p. 13), onde sítios com pinturas e gravuras continuam sendo descobertos todos os anos.

4. COREOGRAFIA DO PENSAMENTO

A Expedição de Dança juntamente com o Turismo, nos proporcionou um encontro com outras culturas, sabores, tempos, corpos, que saíram do seu contexto cotidiano e se permitiram viver “naquele tempo ancestral”, decifrando um tempo de milhões e milhões de anos atrás.

Na Expedição de Dança ocorreram trocas de conhecimento, proporcionados pela antropologia, arte, cinema, dança, psicologia, educação, dentre tantas, onde as imagens rupestres provocaram outras possibilidades no corpo no momento. São sensações corpóreas que deslizam entre o passado e o presente.

Neste artigo, foi proposto uma relação entre Turismo - Dança, tendo como estudo de caso a Expedição de Dança na Serra da Capivara, um lugar turístico, para refletir sobre as possíveis relações entre imagens, cultura, memória, lugar, dança e turismo, e este último como possibilidade de reencontro, de experimentar, viajar, confrontar, conhecer outras pessoas, encontrar outros corpos. Uma expedição como turismo cultural pede uma inversão para pensá-la como ambiente de estudo. As figuras rupestres, atestam a imbricada relação entre natureza e cultura, onde envolve um diálogo entre o histórico e o cultural, ainda pouco estudado e conhecido e permite pensar na possibilidade de aproximação entre Turismo e Dança.

Referências bibliográficas

Bhabha, Homi K. (2003). *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG.

Beni, Mário Carlos. (2001). *Análise Estrutural do Turismo*. São Paulo: SENAC.

Bittencourt, A. (2012). *Imagens como acontecimentos dispositivos do corpo, dispositivos da dança*. Salvador: EDUFBA.

Costa, Zozilena de Fátima Fróz. (2010) *Os esquemas corporais na pintura rupestre do PARNA, Serra da Capivara, Piauí*. São Paulo: Anadarco Editora & Comunicação.

Costa, Nelson Nery. (2006). *Revista Presença. As primeiras Ocupações Humanas no Piauí*, 36.

Gastal, S. (2000). *Turismo: 9 propostas para um saber fazer*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Gros, Frédéric. (2010). *Caminhar, uma filosofia*. São Paulo: é realizações.

Guertz, Clifford. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC S.A.

Hannah A. (2014). *A condição humana*; tradução Roberto raposo, revisão técnica Adriano Correia. (11 ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Krippendorf, Jost. (2000). *Sociologia do Turismo*. São Paulo: Aleph.

Leed, Eric J. (1991). *The mind of the traveler*. S/L: BasicBooks.

LEGOFF, J. (1990). *História e Memória*. Campinas/SP: UNICAMP.

Marques, L. (2012). *Grafias na pedra: índices evolutivos da dança*. (Dissertação Mestrado em Dança): UFBA.

Moesch, Marutschka Martini. (2002). *A produção do saber turístico*. São Paulo: Contexto.

Moesch, Marutschka Martini. (2004). *Epistemologia Social do Turismo*. (Tese de doutorado em relações públicas): USP.

Moletta, Vânia Florentino (2000). *Turismo Cultural*. Porto Alegre/RS.

Morin, Edgar. (2011). *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina.

Pessis, Anne Marie. (2003). *Imagens da Pré-história. Parque Nacional Serra da Capivara. Images de La Préhistoire; Images from Pre-History*. FUMDHAM/PETROBRAS.

Ricoeur, Paul (2007). *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas/SP: UNICAMP.

Trigo, L.G.G. (1993). *Turismo e qualidade: tendências contemporâneas*. Campinas/SP: Papirus.

www.fumdam.org.br